

A RÚSSIA OU A UCRÂNIA

INFORME SETORIAL

Conflito longo favorece a Rússia ou a Ucrânia?

Governo de Kiev conta com aliados ocidentais; Putin aposta que eles perderão o ímpeto.

The Economist

As guerras típicas costumam ser breves. Desde 1815, a duração média das guerras entre Estados tem sido de apenas pouco mais de três meses, calcula Paul Poast, da Universidade de Chicago. Em 2003, os Estados Unidos venceram o governo do Iraque em apenas 20 dias. O conflito entre Armênia e Azerbaijão envolvendo o território de Nagorno-Karabakh, em 2020, terminou em 44 dias. Mas a invasão russa da Ucrânia entrou no seu quinto mês, e não dá sinais de se aproximar de um desfecho.

No começo da invasão, o Ocidente temia que as forças ucranianas fossem rapidamente sobrepujadas pelo poder de fogo superior da Rússia, e a resistência cedesse. Agora, os temores são diferentes com a possibilidade de a Ucrânia não ter ajustado sua estratégia suficientemente para combater uma guerra prolongada de atrito: o país ficar sem soldados e sem munição, haver um colapso da economia após meses de ataques e o ânimo para combater se esvaír, conforme a situação fica ainda mais difícil. A Rússia também está sujeita a muitas das mesmas pressões, com o

conflito consumindo seus jovens, drenando a economia e acelerando a marcha rumo a uma ditadura.

Um conflito prolongado testará também a determinação dos aliados ocidentais da Ucrânia, conforme o preço dos alimentos e da energia aumenta, a inflação irrita o eleitorado e os apelos da Ucrânia por mais armas e dinheiro se intensificam. Em resumo, uma guerra prolongada vai testar ambos os lados de maneiras novas. Se isso vai favorecer mais à Rússia ou à Ucrânia depende muito de como será a resposta do Ocidente.

Começamos pelo campo de batalha. O Exército da Rússia está avançando, ainda que lentamente. As forças ucranianas receberam ordem para se retirar de Severodonetsk, deixando a Rússia quase com o controle total da Província de Luhansk, uma das duas que integram a região do Donbas. Sloviansk, no noroeste da outra província da região, Donetsk, também está sob ataque.

As forças da Ucrânia, que dispõem de menor poder de fogo e, até recentemente, enfrentavam artilharia de maior alcance que o seu, foram golpeadas duramente. O governo diz que elas sofrem até 200 baixas por dia. Em 15 de junho, um general ucraniano afirmou que o Exército tinha perdido 1.300 blindados, 400 tanques e 700 peças de artilharia, muito mais do que se pensava anteriormente. Em 19 de junho, a espionagem da defesa britânica afirmou que ocorreram deserções entre as tropas ucranianas.

Mas isso não significa que a Rússia vai varrer a região do Donbas. O avanço de suas forças tem sido lento, mediante um atrito custoso, possibilitado somente por bombardeios indiscriminados em larga escala. Novos recrutas recebem apenas alguns dias de treinamento antes de serem jogados na batalha, segundo a sucursal russa da BBC. O moral é baixo: a espionagem britânica aponta para “impasses armados entre oficiais e seus homens”. Foram necessários mais de dois meses para a tomada de

Severodonetsk, enquanto Slovyansk e a cidade vizinha, Kramatorsk, são mais fortificadas.

A Rússia ainda dispõe de muita munição e equipamento, segundo Richard Connolly, especialista na economia e na indústria da defesa do país. Diz-se que as fábricas russas de armamentos estariam operando em turnos duplos ou triplos, destaca ele. A Rússia tem também um grande contingente de tanques antigos do qual pode se valer.

O elemento humano é um problema maior. O presidente russo, Vladimir Putin, recusou uma convocação em massa de reservistas e recrutas. Em vez de uma mobilização geral, de acordo com Michael Kofman, do centro de estudos estratégicos CNA, o Exército dele está criando novos batalhões a partir de novos recrutas. Mas não é fácil encontrá-los em número suficiente: o governo teve de oferecer uma remuneração generosa, equivalente a quase três vezes o salário médio. Os feridos e os parentes dos mortos também receberam a promessa de generosas compensações. A Duma, o Parlamento russo, aumentou a idade máxima para entrar no Exército de 40 para 65 anos.

Na tentativa de criar forças prontas para a batalha muito mais rapidamente do que o habitual, os novos recrutas são reunidos com oficiais da ativa ainda não mobilizados e com equipamento residual das brigadas existentes, observa Kofman. Mas criar novas unidades dessa maneira equivale a “entregar a prata da família”, diz uma autoridade ocidental. Os oficiais e o equipamento designado a eles seriam usados normalmente para treinar novos soldados ou substituir tropas desgastadas pelo combate. Na prática, a Rússia está canibalizando as próprias forças, diz Kofman, o que vai reduzir “a sustentabilidade geral do esforço de guerra”.

A falta de soldados russos bem treinados é uma das razões para o seu avanço lento no Donbas. Apesar de ter uma população menor, a Ucrânia conta com um

contingente maior de recrutas motivados. O treinamento destes ainda é um gargalo, mas que pode ser superado com um pouco de ajuda.

ARTILHARIA. A Ucrânia também está recebendo armamento ocidental ainda mais sofisticado. No começo, o país buscava mísseis antitanque e antiaéreos portáteis para rechaçar o avanço de colunas de blindados e helicópteros. Mais recentemente, no entanto, americanos, britânicos e outros têm fornecido a eles artilharia moderna e foguetes, que serão muito mais úteis em contra-ataques.

De fato, algumas autoridades ucranianas, incluindo o presidente Volodimir Zelenski, afirmam que se a ajuda ocidental chegar em volume suficiente, talvez a Ucrânia possa vencer a guerra antes da chegada do inverno (Norte). Um oficial da espionagem do Exército diz que o melhor momento para uma contraofensiva da Ucrânia será no fim de outubro, quando o estoque de armamento ocidental estiver perto do auge.

Fala-se em empurrar a Rússia de volta às posições de antes da guerra e então negociar um acordo de paz a partir de uma posição vantajosa. Mas esse otimismo ignora várias armadilhas importantes. Para começar, as forças da Ucrânia já usaram a maior parte de sua munição e, sem a capacidade doméstica de manufatura para repô-las, agora dependem completamente dos benfeitores estrangeiros.

A Rússia, que dispõe de amplo estoque, parece estar atirando tão indiscriminadamente que toda a produção anual de munição dos EUA só seria capaz de manter esse ritmo por duas semanas, observa Alex Vershinin, oficial da reserva do Exército americano. Ainda que a Ucrânia tente limitar esse consumo, talvez os países da Otan tenham dificuldade em mantê-la adequadamente abastecida de obuses.

Além disso, os aliados da Ucrânia já entregaram a ela boa parte do seu estoque de determinadas armas. Os exércitos ocidentais não querem que seu suprimento

fique baixo demais; na verdade, muitos deles esperam ampliá-lo tendo em conta a agressão russa. Embora EUA e Europa, com economias muito maiores do que a da Rússia, possam intensificar sua produção para atender às necessidades da Ucrânia, a fabricação de obuses e mísseis não vai dobrar da noite para o dia.

A manutenção de todo esse equipamento avançado da Otan também é trabalhosa. Americanos e alemães ensinaram soldados ucranianos a usar seus howitzers em duas semanas, mas aprender a consertá-los é outra questão. O uso de peças de artilharia é tão intenso que muitos já quebraram, sendo enviados para reparos na Polônia. Esse problema só vai aumentar quando armas complexas chegarem, e a Ucrânia gradualmente deixar para trás o armamento soviético para usar o equipamento oferecido pela Otan.

Talvez o mais importante seja o emprego destinado pela Ucrânia ao seu novo arsenal. Muitas das armas que o país está recebendo foram projetadas durante a Guerra Fria para enfrentar exatamente o adversário que a Ucrânia combate no Donbas: um exército no estilo soviético usando pesado poder de fogo. Em alguns países ocidentais, teme-se que a Ucrânia tente se equiparar à Rússia, gastando sua munição a um ritmo prodigioso.

O objetivo é incentivar a Ucrânia a usar os lança-foguetes e outros sistemas de longo alcance de acordo com o propósito original de travar uma “batalha em profundidade”: atingir importantes alvos russos, como postos de comando e centrais ferroviárias, muitos quilômetros atrás da linha de frente.

Mas não é apenas de armas que a Ucrânia vai precisar para levar a cabo tal estratégia; o governo também precisa desesperadamente de dinheiro. A guerra esmagou a economia do país: o Banco Central e o FMI calculam que a produção pode cair mais de um terço este ano, golpe comparável ao da depressão vista nos EUA na década de 30. Análises mais otimistas dizem que as regiões ocupadas são as mais

afetadas, e a atividade em outras partes do país teria se recuperado um pouco após uma queda em março, com a contração anual correspondendo atualmente a 15%, talvez.

O governo teve de gastar muito não apenas com as Forças Armadas, mas também com a assistência aos feridos, desempregados e desabrigados, ao mesmo tempo cortando impostos para socorrer a economia cambaleante. O resultado é um déficit mensal de aproximadamente US\$ 5 bilhões.

Sob tais circunstâncias, investidores naturalmente relutam em emprestar à Ucrânia.

Altas nos impostos seriam contraproducentes, levando em conta a atrofia econômica. O Ocidente prometeu uma ajuda substancial, mas ela não chega rápido o bastante para equilibrar as contas. Assim, restou ao governo imprimir dinheiro. Ao mesmo tempo, consome suas reservas de divisas estrangeiras na tentativa de estabilizar a própria moeda (hryvnia). A inflação, já na casa dos 18%, está aumentando. Se o Ocidente permitir que as finanças do governo fujam do controle ou a paralisação da economia, as perspectivas militares seriam inevitavelmente afetadas.

A Rússia parece estar em situação econômica muito melhor, em comparação. Após uma breve oscilação causada pelas sanções ocidentais, o rublo se recuperou. O temor de uma corrida aos bancos recuou. Ainda que empresas ocidentais tenham retirado tanto quanto puderam dos cerca de US\$ 300 bilhões investidos no país, e muitos russos de alta escolaridade tenham deixado a Rússia, a maioria das previsões indica uma contração relativamente suportável para este ano, graças em parte a pesados gastos do governo. Putin insiste que as sanções são piores para o Ocidente do que para a Rússia.

Na verdade, as sanções têm impacto, principalmente, quando privam a economia de importações essenciais. A produção de carros caiu mais de 80% em relação ao nível de atividade anterior à invasão, reflexo, em parte, da dificuldade enfrentada pelas montadoras em obter peças no exterior, mas também uma queda na demanda do consumidor.

Mas relativamente poucas fábricas de munição parecem ter sido afetadas até o momento. Além disso, é possível burlar as sanções ocidentais e, graças à receita obtida com o petróleo, a Rússia tem bastante dinheiro para gastar. O governo vem buscando cadeias de fornecimento alternativas há algum tempo.

Putin parece confiar que tempo e dinheiro estão do seu lado. Mesmo se as forças russas fracassarem na obtenção de um avanço rápido, elas conseguiram bloquear os portos ucranianos, contribuindo para o estrangulamento da economia do país. Putin foi longe para evitar uma mobilização geral, o que indica uma falta de confiança na disposição dos russos de suportar uma guerra longa e sangrenta. Pelo mesmo critério, o otimismo econômico exibido atualmente por empresários e pela população em geral também pode evaporar conforme o custo da guerra, das sanções ocidentais e da imigração começam a se fazer sentir no longo prazo.

Muitos na Ucrânia temem que a Rússia recorra a táticas mais implacáveis se a guerra se arrastar demais. Os russos poderiam atacar a rede elétrica e as instalações de aquecimento com a aproximação do inverno, jogada que imporá um imenso custo humanitário à população em geral. Mas os ucranianos parecem estar se preparando para privações semelhantes.

Eles seguem firmemente contrários à ideia de negociações com a Rússia, com a disposição em fazer concessões mudando decisivamente após o relato de atrocidades cometidas pelos russos na segunda metade de março.

Talvez os aliados da Ucrânia enxerguem a questão de forma mais matizada. De fato, Putin pode descobrir que os dissuadir é mais fácil do que aos ucranianos. Ao cortar a exportação de gás por meio do principal gasoduto que liga a Rússia à Alemanha, ele se mostrou disposto a fazer da economia europeia sua refém para fazer avançar seus objetivos de guerra. A alta no preço do gás e interrupções no fornecimento durante o inverno quase certamente fariam alguns governos europeus pressionar a Ucrânia para que aceitasse uma trégua imperfeita.

Quanto mais a guerra se prolongar, maior será a relutância dos aliados da Ucrânia em oferecer indefinidamente armas e dinheiro. Putin, de seu lado, parece contar com o colapso da determinação do Ocidente. A guerra esmagou a economia da Ucrânia, golpe comparável à depressão nos EUA na década de 30.

Núcleo de Inteligência – ADECE/SEDET

Edição 512 – Em 18 de julho de 2022

Os textos do conteúdo exposto neste informativo não são de autoria do Governo do Estado do Ceará.